

## **O ARTESANATO COMO ESTRATÉGIA DE CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E GARANTIA DA QUALIDADE DE VIDA**

Coordenador: RUMI REGINA KUBO

Autor: Lidiane Fernandes da Luz

As comunidades que vivem em áreas de encosta da Serra Geral no domínio da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica (Maquiné, RS) têm como principal atividade a coleta da samambaia-preta (*Rumohra adiantiformis* (G. Forest.) Ching). Também foi identificado na região, o potencial das atividades artesanais com fibras vegetais como alternativa sustentável de diversificação da economia familiar, sendo praticada tradicionalmente pelas mulheres. Ambas as atividades permanecem proibidas pela legislação ambiental vigente que veda a coleta de espécies de florestas nativas do Estado para fins de comercialização, não oferecendo alternativas para famílias que vivem no local e necessitam da atividade para sua própria sobrevivência. Neste sentido, vários estudos foram desenvolvidos na região a fim de constatar a relação harmônica entre essas populações e o meio em que vivem, através do uso sustentável das espécies vegetais (ANAMA/DESMA-UFRGS). É nesta interação sustentável das populações humanas com a natureza, que surge o espaço para uma nova forma de pensar o bem-estar, proposta por Amartya Sen, que se afasta do padrão de consumo presente na sociedade contemporânea, aliando preservação de áreas de grande diversidade biológica com um implemento da qualidade de vida da população que habita essas localidades. A noção de qualidade de vida baseada nas capacidades humanas traz o acesso às mais diversas práticas culturais de uma comunidade como o principal componente da noção de bem-estar. Também resultante da interação entre populações humanas e a natureza surge um novo conservacionismo, que tem como base a valorização dos conhecimentos e das práticas de manejo dessas populações (Diegues, 1996). Diegues afirma que, em muitos casos, a biodiversidade é fruto do manejo das populações tradicionais. Neste contexto, a diversidade cultural, considerada como condição fundamental para a manutenção da diversidade biológica, somente persistirá se as comunidades tradicionais continuarem a ter acesso aos recursos naturais de seu território não sendo deslocados de seus territórios originais pela especulação imobiliária ou pela implementação de áreas protegidas que impliquem sua exclusão. O termo "populações tradicionais" utilizado neste contexto segue o proposto por Arruda (1997) referindo-se a grupos humanos culturalmente diferenciados que historicamente reproduzem seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base em modos de

cooperação social e formas específicas de relações com a natureza, caracterizados tradicionalmente pelo manejo sustentado do meio ambiente. Embora estas populações corporifiquem um modo de vida tradicionalmente mais harmonioso com o ambiente, vêm sendo persistentemente desprezadas e afastadas de qualquer contribuição que possam oferecer à elaboração das políticas públicas regionais, sendo as primeiras a serem atingidas pela destruição do ambiente e as últimas a se beneficiarem das políticas de conservação ambiental (Arruda, 1997). A política ambiental vigente, ao ignorar o potencial conservacionista dos segmentos culturalmente diferenciados que historicamente preservaram a qualidade das áreas que ocupam, tem desprezado possivelmente uma das únicas vias adequadas para alcançar os objetivos a que se propõem. Essa via é a da inclusão da perspectiva das populações rurais no nosso conceito de conservação, oferecendo condições para que os enfoques tradicionais de manejo do mundo natural sejam valorizados, renovados e até reinterpretados, em conformidade com as novas situações emergentes. A partir desses pressupostos, busca-se a melhoria das condições de vida dessas populações, garantindo sua participação na construção de uma política de conservação da qual sejam também beneficiados. Ações visando o desenvolvimento rural sustentável são desenvolvidas na região desde 1997 através da Ong Ação Nascente Maquiné (ANAMA) e mais recentemente do Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Rural Sustentável e Mata Atlântica (DESMA/UFRGS), com projetos - como o Projeto Samambaia-preta - que visam avaliar a sustentabilidade do manejo das espécies nativas com potencial econômico usadas por agricultores familiares extrativistas, buscando alternativas de renda de baixo impacto, como estratégia para a conservação da biodiversidade do Estado. O artesanato em palha de bananeira (*Musa acuminata*), junco (*Scirpus californicus*), taboa (*Typha domingensis*) e diversas espécies de cipós - atividade praticada tradicionalmente pelas mulheres da comunidade - foi identificado como uma das alternativas sustentáveis de diversificação da economia local. Estudos vêm sendo realizados a fim de avaliar as práticas de manejo tradicional, buscando estabelecer as condições necessárias que garantam a sustentabilidade da atividade artesanal a partir do extrativismo de fibras vegetais da Mata Atlântica. Dando continuidade a estas ações e considerando a necessidade de uma ação conjunta destes moradores locais representados genericamente como agricultores familiares (cuja própria identidade de agricultor encontra-se hoje matizada com a de extrativista, assalariado eventual, artesão, entre outras atividades a que recorrem para complementação de sua renda), seus agentes e mecanismos de mediação social (como a ong's, grupos informais como o clube de mães das várias localidades municipais, farmácias caseiras comunitárias - organização espalhada por todo o

Litoral Norte, grupos de jovens que tem articulação regional através das pastorais ligadas à Igreja Católica, grupos paroquiais, líderes comunitários locais, técnicos de instituições ligados à extensão rural) e representantes de instituições interessadas em apoiar estes segmentos sociais de modo a construir formas produtivas de permanência no local (DESMA/UFRGS, Departamento de Botânica/UFRGS, Núcleo de Economia Alternativa - NEA/UFRGS, FEPAGRO), este projeto se fundamenta no desenvolvimento de um processo de capacitação que possibilite avanços na construção de conhecimentos, despertando e fortalecendo habilidades e dinamizando os conhecimentos locais, lançando mão dos mediadores sociais e tecnologias disponíveis, tendo como principal público beneficiário agricultores familiares, jovens rurais, mulheres agricultoras, extrativistas e pescadores artesanais. Neste contexto amplo, esta ação tem buscado capacitar agricultoras familiares no manejo e produção artesanal com fibras vegetais, além de produzir, sistematizar e disseminar informações relacionadas à geração de renda para agricultura familiar e uso sustentável de Mata Atlântica, relacionando os conceitos de bem-estar e de conservação. Num processo que envolve a realização de encontros mensais onde são abordadas questões gerais relativas à comercialização do artesanato, as dificuldades na organização e implementação de oficinas específicas (técnicas de trançagem, otimização da atividade, construção de teares) tem se buscado construir junto com a comunidade um conceito local de bem-estar e verificar a importância do artesanato neste contexto, resgatando as significações da atividade ao longo da história familiar. A coleta de dados para avaliação é feita através de observação participante das reuniões e oficinas com o grupo de mulheres participantes dos cursos de capacitação em artesanato. São objeto de reflexão neste processo a inserção da atividade no panorama da conservação junto as artesãs e em que medida, realizando este trabalho, estas se vêem como agentes de conservação.